

# Nascimento de um novo sujeito. Um analisando precoce<sup>1</sup>

---

Michel Bousseyroux  
Tradução de Maria Vitória Bittencourt

## Resumo

Ao se debruçar no trabalho com bebês muito pequenos, sustentado por Marie-Christine Laznik, esta conferência versa sobre o que, no falante, escuta-se do ponto nascente da fala, da “boca aberta da pulsão”. Visitando essa clínica, estrangeira à maioria dos psicanalistas, deparamo-nos com o fato de que o milagre da poesia da fala não se produz sem o “se fazer” da pulsão.

## Palavras-chave:

Sujeito; Pulsão; *Lalangue*; Bebê.

## Birth of a new subject. A precocious analysand

## Abstract

By delving into the work with very young babies supported by Marie-Christine Laznik, this conference discusses what is heard from the speaker at the emerging point of speech, from the “open mouth of the drive.” Visiting this foreign clinic to most psychoanalysts, we encounter the fact that the miracle of the poetry of speech is not produced without the *se faire* of the drive.

## Keywords:

Subject; Drive; *Lalangue*; Baby.

## Nacimiento de un nuevo sujeto. Un analizante precoz

## Resumen

Centrándose en el trabajo con bebés muy pequeños realizado por Marie-Christine Laznik, esta conferencia aborda lo que, en el hablante, se percibe desde la

---

<sup>1</sup> Este texto foi proferido em Toulouse, em 31 de janeiro de 2025, no âmbito do seminário “Qu’enseigne la psychanalyse? (Saison 4)”, organizado por Michel Bousseyroux, Didier Castanet, Jean-Claude Coste e Marie-José Latour.

frente del habla, desde la “boca abierta de la pulsión”. Al visitar esta clínica, desconocida para la mayoría de los psicoanalistas, nos encontramos con que el milagro de la poesía de la palabra no puede producirse sin el “hacerse” de la pulsión.

### **Palabras-clave:**

Sujeto; Pulsión; Lalangue; Bebé.

## **Naissance d'un nouveau sujet. Un analysant précocissime**

### **Résumé**

En s'intéressant au travail auprès des tout-petits mené par Marie-Christine Laznik, cette conférence aborde ce qui, chez l'être parlant, s'entend à la source de la parole, la « bouche ouverte de la pulsion ». En visitant cette clinique, étrangère à la plupart des psychanalystes, nous sommes confrontés au fait que le miracle de la poésie de la parole ne peut se produire sans le « se faire » de la pulsion.

### **Mots-clés :**

Sujet ; Pulsion ; Lalangue ; Bébé.

*Para Marie-Christine Laznic.*

## **O que se escuta**

Para variar, vou falar de uma psicanalista que tem a arte de clinicar esse ser ainda não falante, mas já falado, que é um *infans* — palavra latina derivada do verbo *fari*, falar, qualificando o bebê antes de falar. Essa analista inventou uma arte de parir a fala no ponto nativo em que, do circuito erótico da pulsão, nasce um novo sujeito, como nos diz Freud. Começo por aqui: o psicanalista deve estar na escuta da origem da fala. E como falar é demandar, demandar intransitivamente, demandar com pontos de suspensão, demandar sem complemento de objeto, há aí um buraco, o buraco de um gargalo, no glu-glu do qual o sujeito que fala só pode estrangular-se. O psicanalista está na escuta daquilo que, na demanda, é boca aberta (ou cosida) da pulsão. É essa boca aberta que o psicanalista deve fazer falar. Mas de onde, de que lugar se trata para que um analista receba, escute aquilo que está aberto, que está ali bem aberto? Para um psicanalista, há o que ele escuta, o que se escuta, como isso se escuta, como ele o escuta e como ele lê. Porque se trata de uma questão de leitura, sendo o inconsciente “o que se lê antes de tudo”. Ainda é preciso que, “se ler se entende como convém”, “quando”, como formula Lacan

em seu Posfácio *do Seminário XI*, o analista tem “o dever de interpretar” (Lacan, 1979, p. 264). Tem esse dever justamente onde não se lê o que a fala diz, onde ela faz enigma, ou seja, onde “o analista se sobressalta”, e cito, “passando o momento em que ele está, ah! a entregar sua escuta até não aguentar mais ficar de pé”. Porque há aquilo que, lido errado, tropeça, há aquilo que, rasurado, é ilegível, há aquilo que, logo que aprendo a ler, é *alfabestizante*. Lacan dá o exemplo da criança que, ao saber ler por um desenho que é uma girafa, por outro que é um gato, que é para dizer gi para um e ga para o outro, aprende que “o G da letra que os dois se escrevem nada tem a ver com se ler, pois isso não responde” (Lacan, 1979, p. 264). Aprender a ler as letras do alfabeto não me torna *alfabestizado*, não me torna capaz de ler. Isso me torna *alfabesta*. O inconsciente é da ordem da letra, na medida em que ele nos torna *alfabesta*. Porque eu escrevo mesmo quando falo, e há naquilo que digo tudo que se poderia escrever de forma diferente e que me leva, para dissipar o mal-entendido, a soletrar determinada palavra.

### Cernir *l'auréel* pela *l'aureille*<sup>2</sup>

Lacan era esse príncipe de Motordu que as crianças adoram ler em *La belle lisse poire*.<sup>3</sup> Lacan era um soprador de palavras, tal como o poeta é um soprador de versos. Leiam os folhetos escritos à mão, publicados no catálogo *Artcurial* (Lacan, 2006, p. 47), e vejam como, no manuscrito no 82, ele faz torcer a palavra *réel* (real) — eu o cito: “o que eu chamo o *réel* — *l'heure* [h-e-u-r-e] e [e-t] *elle* [e-l-l-e] — ou *l'horre* [h-o-r-r-e] e [e-t] *aile* [a-i-l-e]. Não importa como se escreve, porque se trata de *auréeller*, de cernir o *auréel* [a-u-r-é-e-l] por meio da *aureille* [l-apostrophe-a-u-r-e-i-l-l-e]”.<sup>4</sup>

De que orelha convém escutar? Do *aureille* que capta a realidade. Foi ao *auréel* da letra que Lacan emprestou seu ouvido. Lacan se divertia em colocar em causa a ortografia, abrir a palavra como se abre uma caixa, para pegar *upa!* o espírito ao pé da letra. O inconsciente-lalíngua é feito da moterialidade<sup>5</sup> agramatical da lalíngua. O inconsciente é um refluxo de palavras amassadas indigestas, que nos dão devoluções que chamamos de *rot...tour*, *rotour*<sup>6</sup> do recalçado. O falar é um *gloubi-boulga*,<sup>7</sup> um significante não comestível, mas uma delícia para Casimir, o

2 O autor faz um jogo de palavras pela sonoridade do *au* em francês, que tem o mesmo som de “o” em português — *auréel* (o real) e *aureille* (a orelha). O subtítulo em português seria “Cernir o real pela orelha”. (N.T.)

3 Trata-se de um livro infantil, *La belle lisse poire du prince de Mortordu*, de Pierre Ferrier. (N.T.)

4 Lacan faz um jogo com a palavra *réel* (real) escrita de várias maneiras: palavras cuja sonoridade ressoa tal como *réel* (real): *Heure-et-elle* (hora e ela); *horre-et-aile* (horre e ela). (N.T.)

5 Condensação de *mot* (palavra) e *matérialisme* (materialismo). (N.T.)

6 Em francês, *rot* é arrote, daí o jogo de palavra com *rotour* — *retour* (retorno). (N.T.)

7 Prato preferido do dinossauro Casimir, personagem da *L'île aux enfants*, uma emissão de televisão francesa dos anos 1970. (N.T.)

simpático dinossauro laranja que, em 1975-1976, deu a receita em um episódio do programa de televisão *L'île aux enfants*. Falo de um tempo em que as pessoas com menos de 20 anos, e mesmo de 40 ou mais, não podem conhecer: nessa época, as crianças cresciam com o Casimir. Era uma época que, analisante, eu me virava com o *gloubi-boulga* que meu inconsciente preparava. Porque fazer uma análise é se virar com seu próprio *gloubi-boulga*, ou seja, o sintoma que, falando dele, não se para de mastigar.

## A lalíngua e o mamãenhês<sup>8</sup>

Vou direto ao assunto. Em 2015, uma ginecologista do Instituto Marquès, de Barcelona, a dra. Marisa López Teijón, publicou um estudo sobre a estimulação musical de um feto de 16 semanas no útero por meio de um *babypod* colocado na vagina da mãe. Os médicos catalães têm essas audácias! Foi a *Serenata K.525 Eine kleine Nachtmusi*, de Mozart, que obteve o melhor resultado na ecografia, em que 90% dos fetos reagiram de forma significativa: batiam o compasso e faziam movimentos com a boca e a língua, “como se tentassem cantar”, com 73% dos casos com protrusão da língua; esses resultados eram idênticos aos observados em bebês com apenas alguns meses de idade. Nos anos 1970, o dr. Jean Feijoo fez experiências sobre o efeito calmante para o feto das baixas frequências do fagote de *Pedro e lobo*, de Prokofiev, deduzindo que o feto percebe mais a voz grave do pai do que a da mãe. No entanto, o inconsciente não é estruturado como uma música de câmara para instrumentos de cordas, mesmo que essas sejam borro-meanamente afinadas. O bebê não é um melômano. É um *prosodiano*. O que o desperta para a vida dos falantes é a prosódia singular e poética da palavra que lhe é intimamente dirigida.

O que é que faz um *trumain*<sup>9</sup> de seis a oito semanas murmurar, rir e balbuciar, que aos quatro meses consegue ouvir seus primeiros *a* e *e*, aos cinco meses, suas primeiras consoantes, seus *areuh*, aos seis meses, suas primeiras sílabas terminadas em *a*, e com um ano ou mais pronuncia suas primeiras palavras? É o milagre do caminho para a poesia da fala. Esse milagre não acontece sem o “se fazer” da pulsão. Não cai do céu. É preciso a entonação própria da voz da mãe e de sua implicação pulsional. É preciso a lalíngua que a mãe inventa para seu bebê — e ela inventa uma diferente para cada um de seus bebês. Ela não brinca da mesma maneira com cada um de seus recém-nascidos e, se tiver vários, não canta sua lalíngua da mesma maneira.

---

8 Palavra proposta pela tradutora para o termo *mamanais*, criado por Marie-Christine Laznick, em uma condensação de *maman* (mamãe) e *français* (francês). (N.T.)

9 Neologismo no qual o autor faz uma condensação, pela sonoridade, entre *être* (ser) e *humain* (humano): *trumain*. (N.T.)

Uma psicóloga americana, Anne Fernald (Fernald & Simon, 1984, pp. 104-113), descobriu em 1984 que um bebê entre um e três dias de vida, que ainda não experimentou a satisfação da alimentação, começa a chupar intensamente uma chupeta não nutritiva que não fornece leite, quando ouve a prosódia da voz de sua mãe lhe falando. A psicanalista Marie-Christine Laznik, que trabalha no Centro Alfred Binet, em Paris, chama essa forma da mãe de falar com seu bebê em uma língua que não é a do adulto e que é reservada à sua relação exclusiva com o bebê de *mamãenhês* (em inglês, *motherese*). Também é conhecida como *parentês* ou *paizinhês*, porque o pai também pode falar com seu bebê nesse modo prosódico. É uma forma muito íntima e afetuosa de se dirigir ao bebê, com *boudiboudjou*, *boudiboudjou* (algumas mães são muito talentosas nisso), em um tom mais agudo do que o habitual, com entonações acentuadas, vogais prolongadas e no modo de prosódia, com um discurso *mamãeroso*,<sup>10</sup> que, visto de fora, pode parecer piegas, um pouco bobo, mas é muito espontâneo, solicitando insistentemente o olhar do bebê, sua resposta vocal, que testemunha um investimento fortemente pulsional, erótico, da relação da mãe com seu bebê. É o caso de uma publicidade de fraldas, em que se vê o bebê procurando fazer comer seu pé por sua mamãe, que se dispõe a fazê-lo, com o rosto brilhando de alegria.

Mas há uma condição absoluta para que a prosódia funcione e para que o bebê responda com seu olhar — que a mãe exprima sua alegria, diga seus sentimentos de prazer, de admiração, de deslumbramento, ao mesmo tempo de surpresa e de espanto diante dele. Não se finge a prosódia. É indispensável que a mãe tenha essa manifestação, depois de um período de assombro, de surpresa, de admiração misturada com um verdadeiro transtorno e iluminação alegre, como aquela que Freud reconhece no chiste. Isso não pode ser encomendado. O bebê tem que sentir, nos picos prosódicos da voz da mãe, em seu riso, sua admiração e sua alegria, entre o prazer e o gozo; é preciso ler em seu rosto para que a pulsão invocante (Laznik, 2013, pp. 23-78) seja ativada, em sua ligação escópica com o rosto da mãe, em seu terceiro tempo gramatical, que é o da forma reflexiva do “se fazer”, “se fazer escutar”, “se fazer ouvir”, “se fazer *oui-sens*”.<sup>11</sup> É aqui que a pulsão engancha em seu fecho o Outro barrado, barra cuja marca é a estupefação e o riso. Pois a pulsão está conectada, no grafo do desejo, ao S do grande A barrado, e é esse significante da falta que os picos de admiração e de surpresa fazem estalar no flíper do grande Outro, uma voz embasbacada, que diz, colocando a colher de iogurte na boca do bebê, “Hum! Miam! Como é gostosa a baunilha! Oh, meu querido docinho! Olha essa delícia!”

---

10 Proposta da tradutora para a palavra *mamoueux*, uma condensação de *maman* (mamãe) e *amoureux* (amoroso). (N.T.)

11 O autor faz um jogo de palavra entre *ouïr* (ouvir) e *sens* (sentido), que tem mesma sonoridade de *jouissance* (gozo). (N.T.)

A entrada na língua implica a pulsão e sua volta em torno de um dos orifícios erógenos do Outro, que é o corpo, do qual surge o que Freud chama de um novo sujeito. Mas isso seria o que não se produz nos bebês com alto risco de autismo. Essa é a hipótese na qual Marie-Christine Laznic, psicanalista e membro da Association Lacanienne Internationale, baseia-se para teorizar o autismo (Laznic, 2003). A releitura de Lacan da teoria freudiana das pulsões permitiu-lhe pensar de forma diferente o autismo e inventar uma prática psicanalítica muito singular com bebês ditos de alto risco de autismo, que relata em publicações científicas, demonstrando que, desde que sejam tratados antes dos 18 meses e o mais cedo possível, desde os primeiros meses do recém-nascido, podem escapar do autismo. Marie-Christine Laznic é a única pessoa que conseguiu obter tais sucessos terapêuticos. Publicou seus trabalhos em colaboração com psicanalistas, médicos e linguistas da Fundação Stella Maris da Universidade de Pisa, como Filippo Murratori e Sandra Maestro, que foram os primeiros a demonstrar que, mesmo antes da primeira mamada, o bebê é sensível a essa prosódia de sua mãe, o que poderia ser o primeiro objeto da pulsão oral.

### O terceiro tempo da pulsão retificada por Lacan

Em *Pulsões e destino das pulsões* (Freud, 1915/1968), Freud distinguiu três fases gramaticais da pulsão escópica:

- na primeira fase, o olhar como uma atividade dirigida a um objeto estranho;
- na segunda fase, uma inversão reflexiva do olhar para uma parte do próprio corpo, ao mesmo tempo que a inversão em passividade da finalidade em um *ser olhado*;
- na terceira fase, que é uma forma ativa de passividade, “a introdução de um novo sujeito”, *die Einsetzung eines neuen Subjektes* (Freud nota: *einer handelnden Person*, uma pessoa ativa); um novo sujeito “diante do qual se exhibe, a fim de ser olhado por ele”, *dem man sich zeigt, um von ihm beschaut zu werden* (Freud, 1989, p. 92), com o prazer de se mostrar, *Zeigelust* (isto é, um prazer de exibição).

Freud especifica que a pulsão do olhar é autoerótica e que seu objeto, no próprio corpo, é o *ein Sexualglied*, o membro sexual: “ser como um membro sexual olhado pela própria pessoa”, *Sexualglied von eigener Person beschaut werden*. Lacan ironiza: “Quem é que já viu o sexo, ou o brinquinho, se regozijar de ser olhado. Coloco no lugar de *werden, mach*”. Lacan retifica: “pois a pulsão é se fazer: se fazer ver no seu sexo” (Lacan, 1979, p. 184). Ou, no caso de um bebê, fazer-se mamar no dedo mindinho! Note-se que, em alemão, fazer-se + o infinitivo se diz *werden* + o participio passado! É a tradução francesa que está errada, ao traduzir

*beschaut werden* por “ser olhado”. Seja como for, a correção de Lacan muda radicalmente a concepção da pulsão.

A partir desse membro sexual olhado pela própria pessoa, o gozo é perdido antecipadamente, o olhar não pode se olhar a si próprio. Não há o sujeito do olhar, e é por isso que a pulsão é dita acéfala, até o terceiro tempo, em que surge um sujeito que não existia antes, um novo sujeito, produzido pelo “se fazer”, pelo qual a circularidade do circuito da pulsão se fecha na heterogeneidade de sua ida e volta, mas não sem que intervenha uma “pessoa estranha”, que Freud coloca como um outro que não é si mesmo, um pequeno outro real, não o *Ich*, olhando o próprio objeto a ser olhado da pulsão. Não há sujeito da pulsão antes desse terceiro tempo eminentemente ativo, embora passivo, que Lacan identifica, insisto, a um se fazer olhar como objeto por uma “pessoa estranha”, que se regozija com isso (não digo: que goza com isso). É para essa “pessoa estranha” que o “se fazer” da pulsão se satisfaz oralmente, analmente, escopicamente, invocantemente. Assim, a emergência do novo sujeito depende dessa “pessoa estranha”, sendo necessário o prazer de se mostrar, de se deixar ver, de ser visto por e para um outro. A pulsão exige, para fechar a volta, essa satisfação da pessoa estranha a quem dá prazer e o mostra, tomada em sua dimensão ao mesmo tempo de pequeno outro e de grande Outro. Assim, passamos do autoerotismo sem o Outro ao autoerotismo não sem o Outro. Pois Lacan esclarece bem que, na inversão pela qual ela se invagina através da zona erógena, a pulsão vai “procurar algo que, de cada vez, responde no Outro” (Lacan, 1979, p. 185). Para Lacan, a emergência do novo sujeito da pulsão supõe, portanto, a “pessoa estranha” postulada por Freud, na medida em que, para além do pequeno outro real em carne e osso que responde e fala ao bebê, ela implica o grande Outro do desejo e do gozo e o significante de sua falta, que essa “pessoa estranha” convoca a barra de um “Vai te catar noutra lugar!”.

É assim que o bebê se faz objeto de sua mãe, estendendo suas mãos, seus pés e todo o seu corpo para fazer dele o objeto do prazer tátil, gustativo e visual do outro real para o qual é gostoso e bonito para comer e cujo signo ele procura no rosto e na voz. É, pois, por meio desse “se fazer comer” que fecha o circuito da pulsão, que o bebê, em seu primeiro ano de vida, subjetiva-se, alienando-se ao Outro real que sua mãe é para ele, marcada por sua falta, na qual vai engancha o gozo fálico. Pois o novo sujeito da pulsão não tem significante que o represente, tem apenas o vazio voraz da boca que ele contorna. É por isso que ele se aliena aos significantes do Outro da demanda e também ao significante de sua falta, que satisfaz pulsionalmente. Essa é a primeira causação do sujeito, à qual se seguirá, uma vez passado o estádio do espelho, a segunda causação do sujeito, que, pela separação do objeto *a*, dá seu enquadramento à fantasia.

Os bebês de alto risco de autismo não se deixam degustar, olhar ou ouvir. São incapazes de experimentar o “se fazer” da pulsão. É esse “se fazer” do terceiro tempo gramatical da pulsão que Marie-Christine Laznik não para de recriar por meio de seu manejo lúdico e teatralizado do semblante em ato em sua prática com bebês de alto risco autista. Para isso, ela vai falando com o bebê em *mamãenhês*, faz-se artifício da *fremde-Person-a-quem-fazer-prazer*, que é indispensável para o nascimento do novo sujeito da pulsão. Vale a pena dar um panorama clínico de sua experiência vivida, de sua *Erlebnis* singular ligada a esse manejo do semblante.

O analista só tem certeza de ter saído da zona de alto risco autista quando o bebê começa a repetir, ele mesmo, o ciclo desse terceiro tempo pulsional, que o enoda ao Outro real, dando com prazer seu pezinho ou sua mãozinha à mãe para chupar ou comer. Nesse tipo de tratamento, os pais, cujo desejo não se trata de interpretar, são os coterapeutas do analista. Esse bebê que está à beira do autismo deve experimentar inúmeras vezes a satisfação de sua mãe, que responde à oferta pulsional que ele lhe faz. Trata-se de o bebê sair, quando quiser, para fisgar, para agarrar seu gozo e, assim, aprender a fazer o fecho, o nó. A repetição desse jogo pulsional, nas sessões com o analista e fora das sessões, por parte da mãe com seu bebê, é indispensável para manter aberta essa trilha de prazer, que, com o inconsciente, forma um casal e que é o único capaz de dessensibilizar suficientemente um tal bebê que, quase sempre, apresenta fatores de hiperestesia que o levam a se fechar e se cortar radicalmente do outro. Pensar que o quadro autista é reversível durante os primeiros meses — por questões de plasticidade cerebral e também genéticas — permite ao analista transmitir seu entusiasmo e sua tranquilidade aos pais. Com efeito, trata-se do analista de fazer entrar o pai e a mãe na transferência e torná-los atores daquilo que se desenrola na cenografia do discurso do analista (sendo o bebê o objeto *a* em nome do qual Marie-Christine Laznik fala).

### **Enrico, um *infans* em análise**

Marie-Christine Laznik apresentou um tratamento transdisciplinar, ela como psicanalista e os terapeutas psicomotores ou osteopatas de sua equipe, do caso de um bebê tido como tendo risco elevado de autismo, Enrico (Chauvet & Laznik, 2021, pp. 115-126) (ela relatou também o tratamento psicanalítico de duas outras crianças muito pequenas com risco elevado de autismo, Camila e Catarina). Em cada sessão, ela vai se fazer o dever de interpretar a demanda do bebê em sofrimento, sem que nunca, vou repetir, a mãe ou o pai sejam questionados quanto a seu desejo, interpretados. Encontrou Enrico com os pais quando ele tinha seis semanas. Já tinha sido tratado em seu décimo terceiro dia por Annick Beaulieu, osteopata e psicanalista do hospital Pitié-Salpêtrière. Ela conhecia a mãe há oito anos, pois Enrico tinha um irmão mais velho autista, que Laznik tinha encon-

trado quando ele tinha 18 meses, sendo o risco de autismo de Enrico de 25%, quando se tem um primeiro filho autista. Os pais consultaram muito cedo, pois Marie-Christine Laznik havia prevenido que um tratamento bem precoce poderia travar o desenvolvimento do autismo. É o tratamento psicanalítico de um *infans*, que ainda não fala e a quem a analista vai falar em *mamãenhês!* E, no entanto, muito antes de poderem articular uma ou mais palavras, a criança, o bebê está na linguagem, ele é um corpo falante, ele fala, seu corpo exprime o que quer dizer em seus gritos, seus choros, sua jubilação, sua raiva, seus sorrisos, seu olhar. Mas os pais de crianças autistas perderam o contato com seu filho e, antes de tudo, com seu olhar. Enquanto isso, os bebês normais olham para os pais pelo menos uma vez a cada cinco minutos. Para eles, é essa perda absoluta e terrível do olhar de seu filho que os destrói. O bebê não chama, não responde, seu olhar está ausente, é uma recusa, uma recusa absoluta, e é isso que os devasta. Já não têm mais confiança neles, tendo capitulado quanto a seu desejo de pais animados por Eros, de ter diante deles um ser que saiu do campo gravitacional do desejo e para o qual não se existe. De tal modo que, para sobreviver e para não enlouquecer, acabam por se tornar pais paralisados, gelados, congelados. O erro seria acreditar que o bebê evita olhar para a mãe porque é indiferente. Não, explica Laznik, é porque é demasiado doloroso para ele o que detectou no rosto da mãe. Esses bebês que não olham são hipersensíveis à diferença esquisita que se encontra por baixo dos colchões do Um; também são hipersensíveis, como *A princesa e a ervilha*, do conto de Andersen, ao objeto pequeno *a*, a ervilha que faz a diferença esquisita.

*Como trazer Eros de volta a um infans cujo Eros abandonou o ninho? Como fazer para se fazer objeto ativo da pulsão de vida que o mamãenhês erotiza?* É essa a questão que Marie-Christine Laznik aborda de frente. Na primeira sessão, o pai, que carrega Enrico no colo e tenta em vão entrar em contato com ele, explica a Laznik que Enrico prefere olhar para as lâmpadas: não consegue cruzar seu olhar. Em seguida, a mãe, depois de ter descrito longamente todas as dificuldades do bebê desde seu nascimento (tem movimentos gerais muito pobres), tenta entrar em contato com ele. Segurado pelos braços no colo da mãe, nada indica que Enrico tenha vontade de olhar para alguém. A mãe: “Mas está com sono? Oh, mi vida!”, o bebê cruza o olhar da mãe por um breve momento, desencadeando aquilo que Geneviève Haag chama de um colapso tônico total pela falta de um filtro paraexcitação, como Freud (1895) diz em seu *Projeto para uma psicologia científica*. Durante essa primeira sessão, Marie-Christine Laznik só conseguiu cruzar seu olhar por um breve momento no final da sessão, quando ele foi colocado para mudar a fralda. No final da segunda sessão, o bebê, de novo colocado no pequeno colchão, com as pernas, a cabeça e os braços ligeiramente levantados, fez três magníficos cocôs! Tal proeza desencadeia uma prosódia de surpresa e

de deslumbramento na psicanalista. Enrico não só olha, mas responde em protoconversa com uma longa e melodiosa vocalização de “*Ga euh!*”, orgulhoso de ser adulado pelo presente de seus três cocôs. Assim começa a análise do pequeno Enrico: a analista teatraliza com exagero a sessão em uma prosódia *mamãenheza*. Marie-Christine Laznik conta como Lacan, seu analista, acordou-a uma manhã muito cedo com um telefonema, depois de ela ter faltado a três sessões, para lhe dizer que estava muito preocupado com ela. Ela tinha ficado espantada com a voz incrível que ele tinha usado, como a vovó fala ao Chapeuzinho e que, *a posteriori*, fez-lhe lembrar sua forma de falar *mamãenhês* com o Enrico!

Salto para a sessão em que Enrico tem dez meses e a mãe já não aguenta mais. Enrico sofre de hiperirritabilidade dolorosa, ligada ao refluxo gastroesofágico patológico, comum nos bebês autistas, pelo fato de ter sido entalado em sua vida uterina, o que o leva a emitir gritos agudos que enlouquecem a mãe, gritos que perfuram o tímpano, como aqueles que saem da boca negra gritante do *Papa Inocência X*, de Diego Velázquez, pintado por Francis Bacon em 1949, na época de Pio XII, em um quadro intitulado *Cabeça VI*. A pintura mostra a cabeça de Inocência X encaixotada em um cubo transparente irrespirável, em que só vemos o traço branco de seus bordos.

Figura 1. *Cabeça VI*, Francis Bacon.



Fonte: Recuperado de <https://artscouncilcollection.org.uk/artwork/head-vi>

Laznik atribui esses gritos ao tônus pneumático, como ela chama o bloqueio respiratório que compensa o déficit tônico do peito dessas crianças que se esfalfam na gaiola de um real asfixiante.

## Um bebê delicioso. A colher mágica

Raros são os psicanalistas que fazem a psicanálise respirar, que trazem um sopro de ar fresco. Marie-Christine Laznik faz isso. Com a audácia de uma Melanie Klein lacaniana, propõe à mãe, que está e estará sempre envolvida em cada sessão, em que é coterapeuta, de comer o dedo mindinho de seu bebê, dizendo-lhe que ele é um bom bebê, um bebê delicioso. Porque, como diz à mãe, estamos em uma espiral negativa, não a espiral do autismo, mas uma espiral muito mais boba. Porque, quando ele caga para você — vamos ser mal-educadas (a mãe concorda!) —, ele sente que é um mau bebê. Não sabe mais o que fazer para ser um bom bebê. Se você disser: “Mas, sim, você é um bebê muito bom, muito bom! Uhm! É o bom bebê da mamãe! Um bebê delicioso!”, é possível que isso o acalme por dentro, porque é esta a questão que o atormenta: “Sou um mau bebê”. Colocar os dedos na boca é sua maneira de demandar. Porque é a mesma palavra “bom”, como pão bom e bebê bom. Diga-lhe: “você é o bebê bom da mamãe!”. Nesse instante mesmo, Enrico acorda e tenta meter os dedos na boca da mãe, que se esforça para evitar essa intrusão. Laznik interpreta: “Mamãe! Não vai provar? Come! Come! É bom ou não?”. A mãe entra na brincadeira e diz: “Uhm! É bom!”. E começa a comer os dedinhos que lhe tinham sido introduzidos violentamente na boca. Laznik insiste: “Come, come! É bom? Tem bom gosto?”. Enrico olha para Laznik, surpreso e interessado pelo que ela está falando. Ela diz para a mãe: “Você vê, isso não vem à cabeça.” A mãe, rindo, diz: “Oh não, não me veio mesmo à cabeça!”. Laznik: “Mas, mamãe, ele precisa, ainda não sabe falar espanhol. Ele não sabe dizer ‘Mamãe! Diz que sou um bom menino!’”.

É aqui que Laznik interpreta o que se passa como o jogo do terceiro tempo do circuito pulsional, em que um bebê se faz um bebê delicioso para que a mãe coma seus dedinhos. Ela diz que consegue implementar esse circuito pulsional oral entre o bebê e a mãe mais cedo nos tratamentos, mas vários problemas do Enrico não lhe deram tempo para fazê-lo. Pensou que, apesar de sua tenra idade — tinha apenas dez meses —, seria possível fazer com que ele desempenhasse esse terceiro tempo do circuito pulsional oral de uma forma um pouco mais sublimada, como fazem as crianças no segundo ano de vida, fazendo semblante de alimentar sua mamãe. Seria muito mais fácil para a mãe, que tinha sido muito maltratada pela assiduidade violenta de seu filho.

Então, ela vai procurar uma mesinha de jantar e uma boneca. Munida desses brinquedos, coloca Enrico no chão a seu lado e brinca de boneca com ele. “Eu faço semblante de me alimentar”, diz ela, extasiando-se com um purê delicioso que não existe. Oferece-lhe um pouco, propondo de se deleitar com ele, dá a colher e propõe lhe oferecer. Ao fim de oito minutos desse jogo intenso, Enrico começa a jogar. Agora, é ele que lhe dá de comer e, claro, ela adora! No final da sessão, Enrico quer levar a colher mágica, que permite encontrar o prazer do outro. A analista

lhe empresta, insistindo com a mãe sobre o valor dessa colherzinha e o quanto é importante trazê-la para a próxima sessão. *Equipado com a colher mágica do pequeno a separador, imediatamente colocado pela analista*: essa colher se chama “Volta”, nasceu um novo sujeito. Mas nada, no entanto, ficou resolvido.

## **Do para o semblante ao para fazer prazer**

Uma semana depois, a mãe, sorridente, entrega a Laznik o presente que tinha comprado: uma mamadeira e uma chupeta para brincar de boneca. Laznik fica extasiada: “Para podermos dar comida às bonecas! Como é bonito! Vamos procurar as bonecas?”. A mãe lhe entrega também a colher. Enrico recupera a colher da mesinha de jantar. Olha atentamente para Laznik, coloca na boca e em seguida dá de comer. Ela fica, naturalmente, encantada. Ele redescobriu a brincadeira da última vez e o prazer do outro que estava associado.

Assinalo que, na Chat, a *Checklist for autism in toddlers*, que é o teste de destipagem do autismo entre 18 meses e três anos de idade, desenvolvido por Simon Baron-Cohen em 1992, a quinta das nove perguntas colocadas aos pais é precisamente esta: seu filho gosta de fazer semblante, por exemplo, de fazer chá com uma xícara e um bule de brinquedo? E o terceiro item da observação direta pelo médico formula: certifique-se de ter a atenção da criança. Dê uma xícara e um bule de brinquedo e diga: pode fazer uma xícara de chá? Ele faz semblante de servir o chá e de beber? Se conseguir que a criança brinque de fazer semblante, responda sim. As crianças que se tornam autistas normalmente falham nesse teste. Mas há falsos-negativos. Algumas crianças muito inteligentes e bem-condicionadas dão a xícara de chá aos pais e, mesmo assim, tornam-se autistas. Laznik falou com Simon Baron-Cohen sobre esse assunto, dizendo-lhe que, para evitar os falsos-negativos, bastava acrescentar uma frase a seu teste: será que a criança vê o prazer que suscita no rosto do adulto? Ela sorri? Baron-Cohen respondeu que acrescentar isso seria incluir o afeto, e que o afeto era muito difícil de testar. Laznik percebeu que aquilo que ele pensava ser apenas cognitivo estava de fato completamente baseado no terceiro tempo da pulsão, quando o sujeito se faz objeto do prazer do outro. E essa dimensão de seu teste, podemos compreender, tinha lhe escapado completamente. Ao passo que, na sessão de mesinha de jantar com Enrico, o fazer prazer ao outro era muito claro; o filme que tinha sido feito da sessão sem dúvida atestava isso.

No entanto, nessa sessão, a mãe teve que dizer que, mesmo assim, ela e o marido estão muito preocupados, porque, à noite, os gritos de Enrico lembram os gritos do filho mais velho. Ela imita o som lancinante desses gritos, que saem de um peito muito contraído. O tónus pneumático não desapareceu. Enquanto a mãe se dedica a reparar os olhos de uma das bonecas, Enrico tenta alimentar sua mãe.

Laznik chama sua atenção para a iniciativa do filho, e isso a emociona: “Mamãe! Ele veio com a sua colher para te dar!”. Enrico não está muito contente consigo mesmo, pois sua colher não se apresenta de maneira certa. Exprime isso com pequenos gritos agudos, como aqueles de que a mãe se queixa. Laznik ajuda a endireitar sua colher, o que faz com que seja alimentada. Depois de achar isso muito saboroso, comenta com a mãe (em espanhol): “Seu filho é um ótimo cozinheiro!”. Enrico jubila-se muito com isso, emitindo aqueles gritinhos estridentes que tanto preocupam os pais. Laznik diz para a mãe: “O que você ouve aqui é um tônus pneumático. Ainda tem tensões aqui”, acrescenta, esfregando o peito de Enrico. A mãe tem outras preocupações em relação ao filho. Ela relata que ele desenvolveu o hábito de morder, em particular morde seu seio. Isso a incomoda muito.

Então, Laznik decide fazer um psicodrama com uma família de bonecas de pano. Traz a boneca-mãe, o pai, o menino e um bebê. Fala que o menino de pano quer morder a mamãe. Ela pega o papai de pano e coloca ao lado do menino que quer morder a mamãe. Nesse momento, Enrico vai buscar o papai de pano e coloca ao lado do menino que quer morder a mamãe. Ela pega, então, o pai em suas mãos, juntamente com um bebezinho, e faz o pai de pano falar com o bebê: “Não se morde, não! não! não!”. Enrico se interessa muito por esse pai de pano, que gira seu corpo da direita para a esquerda, para indicar a interdição. Ele olha intensamente a analista e, em seguida, com a maior seriedade, retoma os movimentos de interdição com seu próprio corpo. É difícil não cair na gargalhada. Laznik: “Não devo rir! É a primeira vez que vejo esse não! de seu filho, mamãe!”. Ela abre um grande sorriso de orgulho. Enquanto seu rosto brilha, o filho vem abraçá-la.

## Fazer-se o tolo do Pai

No entanto, nada está resolvido, pois agora Enrico faz a lei em casa, grita quando não fazem o que ele quer e os pais obedecem. A mamãe sustenta com tenacidade que a lei é a mãe. Foi quando, em 2020, a mãe pegou covid grave durante dois meses. Lasnik teve a ideia de lhe enviar um texto em inglês sobre a função do pai. Todas as sessões em vídeo com a mãe acamada, no fundo do poço, vão incidir em um jogo em que um bebê-lobo queria comer a boneca, e o Enrico diz a cada vez: “Papai diz não! não! o papai não deixa!”. Aqui, Enrico, ao invocar o papai, faz-se tolo daquilo que inibe a pulsão que o lobo devorador de bonecas leva ao semblante.

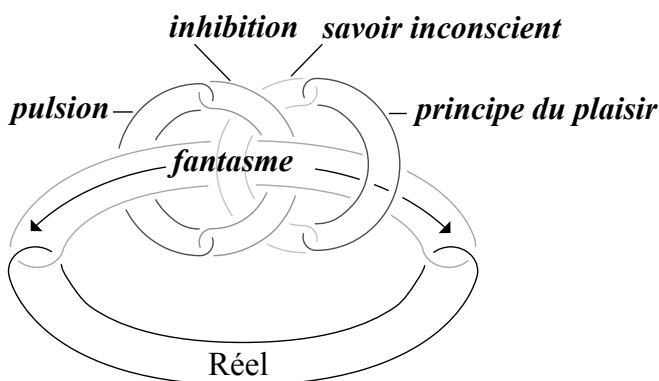
Passados dois meses, tudo está resolvido: Enrico dormia sozinho, não gritava mais, não tinha mais pesadelos, nada. A mãe admite que a covid foi uma sorte, pois sem isso ela nunca poderia deixar o lugar ao papai que diz não, para fazer corte da demanda devorante de Enrico e fazer com que essa assuma a função de objeto em sua fantasia. Tendo apreendido o semblante do Pai, Enrico, que completara dois anos em março de 2020, encontrava-se agora no trilho da neurose, graças ao qual, se o recalque cor-

resse bem, poderia identificar a falta do Outro à sua demanda e, assim, reduzir sua fantasia à pulsão — contando com essa redução após o terceiro tempo do se fazer, do qual emerge o novo sujeito, para o quarto tempo da pulsão, produzido pela segunda causação do sujeito com a separação do objeto *a* — o fim da análise se definindo, inversamente, pelo voltar a ser pulsão da fantasia, para vivê-la, finalmente.

Portanto, Enrico aprendeu a enodar o circuito da pulsão. Aprendeu também o que as crianças aprendem para não se tornarem loucas. Como Lacan nos explicou em 11 de dezembro de 1973:<sup>12</sup> é preciso aprender a se fazer tolo do Pai, para que o nó se faça corretamente e se mantenha. Enrico aprendeu, para não ser não tolo, isto é, ser louco, a não falhar seu enodamento primitivo, que não se faz sem três vezes duas cordas de barbante. Porque, muito antes de aprender a atar os cadarços dos sapatos, ele aprende a fazer o nó pelo qual a pulsão e o inconsciente se mantêm pela fantasia.

Pois, sem a fantasia, não há laço entre a pulsão e o saber inconsciente. É o que Lacan demonstra quando desenha, em 20 de dezembro de 1977, o nó borromeano de seis (Lacan, 1977, inédito): é a corda da fantasia, acoplada em dupla orelha com a corda do real, que enoda a seis os pares em dupla orelha, formados pelas quatro cordas do inconsciente com o princípio do prazer e da pulsão com a inibição.

Figura 2. Nó borromeano de seis.



Fonte: Lacan, *Seminário 25*, inédito. Aula de 13 de dezembro de 1977.

## A fantasia fundamental

O que é essa fantasia que só na sexta corda assegura o nó do ser falante? É uma representação inconsciente, aquela da criança maravilhosa ou aterrorizante, de que precisamos, se fizermos uma psicanálise, libertar-nos. É aquilo que o bebê é para sua mãe, que

<sup>12</sup> Lacan, 1973, inédito. Agradeço a Marc Strauss por ter chamado minha atenção para esse fato recentemente.

Marie-Christine Laznik, desde a primeira sessão, exalta o semblante em *mamãenhês*. Na fantasia do neurótico, há uma criança, uma criança que é espancada. Freud descobre isso em 1919. Mas, para além disso, há a fantasia fundamental, inquietante, evitada, desconhecida, para a qual Serge Leclaire propõe a fórmula: *Mata-se uma criança* (Leclaire, 1975). Ele encontra sua expressão mítica no relato evangélico do Massacre dos Inocentes, de que Gilles de Rais desfrutou monstruosamente em sua loucura.

Quem deve ser morto? Não é mais o Pai-o-goço de *Totem e tabu*. É a representação do desejo da mãe, do qual a criança maravilhosa é o representante eminente do falo. O que ele tem de se desprender é da representação dos sonhos de criança dos pais, cuja descendência será sempre, acima de tudo, o suporte daquilo que tiveram de renunciar. *Sua Majestade o Bebê* realiza os sonhos de desejo dos pais, mas, para que o sujeito viva, precisará se libertar dessa imagem tirânica que enraíza em sua estranheza o inconsciente de cada um. E cujo assassinato é necessário tanto quanto impossível, ainda a ser perpetrado, nunca alcançado, sempre a ser realizado. O que deve ser morto é a mais primária das representações inconscientes, o representante narcísico primário da criança maravilhosa, o *jojo* terrível, sempre renascendo, que reina como tirano sobre a vida de fantasia do sujeito, cujo luto só pode ser alcançado tendo em conta a operação de castração.

Aquilo de que temos de nos separar absolutamente, de nos “*dissexer*” (Leclaire, 1975, p. 57), escreve Leclaire, equivocando entre *disséquer* (dissecar) e *sexion*, com um x do dito, para ter alguma razão de viver e esperança de gozar, é desse diabo de falo cujo trabalho das pulsões ditas de morte assegura — é sua virtude — a heterogeneidade absoluta. Essa é fundamental, na medida em que visa ao “velho homem”, a criança imortal de nossos sonhos. Diz Serge Leclaire:

Uma análise se baseia em pôr em evidência o trabalho constante dessa força de morte que, de geração em geração, testemunha os sonhos e os desejos dos pais; não há vida senão ao preço do assassinato da primeira imagem, estranha, na qual se inscreve o nascimento de cada um de nós. (Leclaire, 1975, p. 11)

Dessa imagem da criança imortal de nossos sonhos, Enrico teve de desviar o olhar, não se sabe por quê. Foi preciso que Marie-Christine Laznik procurasse esse olhar e o apanhasse no circuito vivo de seu *mamãenhês*, para que Enrico vivesse o terceiro tempo da pulsão. É porque lhe foi impossível de se fazer o objeto a ser comido, olhado e invocado para o maior prazer de sua mãe que é impossível ao autista integrar, e, portanto, matar, a imagem da criança maravilhosa na qual seu nascimento foi congelado. Nele, as forças mais vivas, ditas de morte, na raiz do *Logos*, estão falidas, por meio das quais as forças da repetição, mantendo distintos os Uns das representações inconscientes, perpetuam a heterogeneidade absoluta do referente do falo, cuja *Bedeutung* é o que constitui o Mistério da *Mystica Vannus*, de Bacchus-Dionysos.

### ***Aufhebung* do Logos**

O artista da Campânia, que os arqueólogos chamam o segundo estilo pompeiano, que, nos anos 60 antes de nossa era, pintou essa *Mystica Vannus* na parede da vila de Pompeia, enterrada um século mais tarde sob as cinzas da erupção de 79 Antes da Era Comum (AEC), apresenta-nos um cesto de peneirar que serve de berço de vime para o membro sagrado.

Figura 3. *Mystica Vannus*.



Fonte: Villa dos Mistérios, Pompeia.

Aonde conduzem o trajeto das cenas da Vila dos Mistérios? Ao berço místico do Falo, sobre o qual é lançado o véu púrpura que uma jovem oficiante ajoelhada hesita em levantar. A não ser, o que poderia sugerir sua mão esquerda pairando sobre o cume do cone vesuviano, como se pressentisse a erupção, que receie ou espere que o membro sagrado se levante ainda mais! Mas se trata menos de celebrar o mistério da fecundidade do que o *Aufhebung* do Logos. *Oh! Logos*, diz somente uma palavra e eu ficarei curado, diz a Boa Palavra de São Mateus. Curado? Curado de quê, raios? Curado da promessa da aurora (saudação a você, Romain Gary!). Curado de dever se fazer ver em seu sexo como o amuleto de sorte (ou de azar) de sua mãe, seu verdadeiro amuleto — “Você é o meu verdadeiro”, diz ela: o verdadeiro, que dizemos ser nosso, nem sempre é bonito de se ver. Trata-se de curar do se fazer o *cornicello de la Mamma*; o *cornicello*, como dizem os napolitanos, é o pequeno chifre vermelho, apotropaico e priápico em forma de pimenta, onipresente em Nápoles, onde é o fetiche. É sobre esse Mistério do pequeno chifre que Enrico, um analisante muito precoce do mistério do corpo falante, consente em dar uma olhada, e que é o Mistério da incorporação. Enrico está a caminho da cura. Está curado do verdadeiro de sua mãe, que ela tanto desejava e que não saberia ser sem se mentir.

Do alto de seus dois anos, ele já pode dizer: “É agora que falo”, como Maurice Blanchot termina seu romance *Le très haut*, e esse “agora” podendo ser também aquele que escreve o ponto-final de uma psicanálise. Era isso que eu queria dizer sobre o nó que uma criança tem de aprender a fazer para viver a pulsão e o que um analisante pode aprender com sua análise para viver sua vida.

## Referências bibliográficas

- Chauvet, M., & Laznik, M.-C. (2021). Enrico, un bébé dit à « haut risque d'autisme ». In M.-D. Amy, A. Barral, & B. Golse. *Des troubles sensoriels aux stratégies thérapeutiques. Autismes et psychanalyses – IV* (pp. 115-126). Toulouse: Érès. (Actualité de la psychanalyse).
- Fernald, A., & Simon, T. (1984). Expanded intonation contours in mothers' speech to newborns. *Developmental Psychology*, 20(1), 104-113. Recuperado de <https://doi.org/10.1037/0012-1649.20.1.104>
- Freud, S. (1895). Esquisse d'une psychologie scientifique. Psychologie à l'usage des neurologues. In S. Freud. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1968). Pulsions et destins des pulsions In S. Freud. *Métopsiologie*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1989). *Studienausgabe Band III*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.
- Lacan, J. (1973, 11 de dezembro). *Seminário XXI: les non-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (1977). *Seminário XXV: le moment de conclure*. Aula de 20 de dezembro de 1977. Inédito.
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2006, 30 de junho). *Œuvres graphiques et manuscrits. Artcurial*. Recuperado de [www.artcurial.auction.fr](http://www.artcurial.auction.fr)
- Laznik, M.-C. (1993). Pour une théorie lacanienne des pulsions. *Le Discours Psychanalytique*, (10).
- Laznik, M.-C. (2003). Le bébé et la pulsion. *Revue de Psychiatrie Française*, (18).
- Laznik, M.-C. (2013). La pulsion invocante avec les bébés à risque d'autisme. *Cahiers de PréAut, La Voix*, (10), 23-78.
- Leclaire, S. (1975). *On tue un enfant*. Paris: Éditions du Seuil.

**Recebido:** 13/07/2025

**Aprovado:** 18/08/2025